

Se América Latina não pagar, EUA entram em crise

ESTELA LANDIM
Enviada Especial

Fortaleza - Se os países da América Latina deixassem hoje de pagar os serviços da dívida externa para os Estados Unidos, somente a queda do PNB daquele país seria de 69,7 bilhões de dólares, de 38,3 bilhões de dólares nas exportações e de 1,1 milhão de empregos. O déficit orçamentário norte-americano para 1984 seria acrescido de 26 bilhões de dólares e as taxas de juros dos fundos federais cresceriam em 2,3 pontos percentuais. Esse quadro, com base em cálculos publicados pela revista **Business Week**, foi apresentado ontem por Elcio Costa Couto, assessor especial do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais, durante o painel sobre as consequências do endividamento externo dos países da América Latina, na conferência da Alide, em Fortaleza, da qual participam 400 representantes de instituições financeiras de diversos países.

Desse quadro, Costa Couto destacou que os bancos americanos significam apenas 25 por cento da dívida total, lembrando, portanto, o impacto de um provável **defauet** sobre a Europa e o Japão. Somente o não pagamento por parte do Brasil resultaria em 24,7 bilhões de dólares a menos no PIB dos Estados Unidos, "uma queda de 14,2 bilhões de dólares nas exportações, no desemprego de 400 mil pessoas e num aumento do déficit orçamentário de 8,4 bilhões de dólares.

SOLUÇÕES

Segundo Costa Couto, a busca de soluções para a dívida dos países da América Latina tem que considerar, como premissas básicas para qualquer negociação, que "não pode haver solução sem crescimento econômico. O problema da dívida dos países latino-americanos tem que ser resolvido com expansão e não com estancamento, como se vem fazendo agora". Além disso, conforme observou, o controle da inflação é problema prioritário nos países em desenvolvimento, "porém não se pode admitir que esse esforço seja continuamente frustrado pela tendência dos países industrializados, especialmente os Estados Unidos, em financiar seus déficits fiscais crescentes através da prática de excessos na política monetária". Citando que já se fala hoje em uma **prime rate** da ordem de 15 por cento para os próximos meses, Costa Couto disse que isso seria uma "acidentalidade" que deve ser eliminada ao se dar uma solução final ao problema do endividamento.

Para pagar a dívida, garantiu ele, e ao mesmo tempo importar os bens e serviços indispensáveis, é necessário exportar. Por outro lado, afirmou que a solução final para os países da América Latina depende do posicionamento favorável, "aberto e não miope como agora, e racional dos países credores em relação à negociação da dívida que não pode submeter-se aos critérios tradicionais".